

Comentário crítico e/ou comparativo a partir da obra, A felicidade perdida - animais que falam e a ontologia da cidade platônica, Gabriele Cornelli

A felicidade perdida - animais que falam e a ontologia da cidade platônica, da autoria de Gabriele Cornelli, enquadra-se no género literário ensaio. Aqui, CORNELLI (2018) realizou uma análise, com o objetivo de perceber, à luz da razão filosófica, de que forma, e, a partir da metafísica se pode entender a teoria das ideias platônicas, mais em concreto a união/divisão corpo/alma e a relação análoga existente entre a filosofia política do homem e a do animal.

Neste seguimento, quando nos referimos ao campo filosófico muitas são as abordagens em torno da fragmentação humana levando a consideráveis discussões acerca desta temática. Referente a isto temos notáveis estudiosos na área da filosofia política, exemplos disso temos Giorgio Agamben, filósofo político contemporâneo, Aristóteles e sem esquecer de mencionar Platão e Sócrates, na qual estes dois últimos são símbolos eminentes de princípios ideológicos e dualistas acerca da tradição ocidental.

A respeito deste ensaio, Cornelli defende, perante as máximas de Sócrates, que o ser humano encontra-se dividido em duas partes, racional e irracional, que existe uma ligação entre o homem, os animais e a própria animalidade humana. Aqui, a animalidade é referente à postura humana, em que este age como se fosse um animal, comportamento que acontece de forma irracional.

Neste sentido, e por se tornar pertinente o entrecruzamento das fábulas nesta produção textual, estas enquanto narrativa literária têm uma relação singular com a epopeia, não só por se acreditar que existia uma influência clara com a cultura grega, mas, também por esta ser de índole mística e de carácter moral (STELLA, 1970). A este respeito, Cornelli (2018) refere-se ao *canto do cisne* de Sócrates, poesia cantada da autoria do próprio Sócrates, onde os versos que a compõem são repletos de uma profunda musicalidade. Sobre esta composição poética o pesquisador declara que Sócrates recorre às fábulas de Esopo. A propósito disto, se observarmos o texto verificamos que o próprio filósofo vai enumerando ao longo da sua poesia diferentes animais, entre eles o cisne, rouxinóis, andorinhas e poulas¹. Com respeito ao cisne, por este ser particularmente simbólico e de carácter analógico é representativo da imortalidade da alma². Quanto a este assunto, pesquisadores em seus mais recentes artigos procuram esclarecer subjetivamente, através de uma fundamentação teórico-filosófica, as concepções de Platão e Aristóteles sobre a imortalidade da alma (PACHECO, 2023; FRANCO, 2021 & FAGUNDES,

¹ Ibid., 2018, p.480.

² Fédon: a imortalidade da alma de Platão

2015). Retornando ao assunto do cisne, o presente ensaio remete-nos para um sinónimo analógico, em que Cornelli explicita:

É importante aqui anotar que o canto do cisne é claramente uma analogia do canto do próprio Sócrates no corredor da morte. O canto de Sócrates, portanto como o do cisne, não seria um canto de dor, e sim um canto à imortalidade da alma. Daí o sorriso de Sócrates, de leve, que abre maravilhosamente a passagem (p.481).

O cisne, animal irracional que fala cantando por entre a própria voz de Sócrates.

Do ponto de vista morfológico interno desta poesia, no *canto do cisne* de Sócrates observa-se que, aqui, existe uma mensagem contida e que tem por fonte um importante valor simbólico relativo à morte. No seu discurso, com o objetivo de confortar os seus amigos, Sócrates usa de palavras imortalizadas, ensinamentos que se transformam na mais perfeita declaração poética, na qual se supõe que o seu real sentido advém do maior *excelso* louvor cantado. O canto do cisne, tal como nas fábulas de Esopo tem meramente uma significação figurada, uma analogia do canto do próprio Sócrates no corredor da morte (Cornelli, 2018, p.481). O canto que é entendido como momento da libertação da alma após desligamento do espírito ao corpo físico (o desencarne), e não como canto alusivo à dor sentida, aquando o momento dessa mesma morte (Cornelli, 2018; SOBRINHO, 2007 & HORTA, 2000).

Nesta perspetiva, as fábulas, na sua íntegra contêm dentro si mesmas uma sucessão de ideias facilmente compreendidas e que são racionalmente explicadas. Estas, na qualidade de narrativa, têm uma ligação análoga com a vida real, porque os seus personagens, os animais desempenham aqui um papel essencialmente enriquecedor. Quanto a isto, de acordo com Nelson FERREIRA (2014) tem a seguinte explicação lógica:

Sendo o saber do senso-comum um dado adquirido, há que transformá-lo num ensinamento. Aí a fábula desempenha um papel preponderante, pois consegue promover a junção da moralidade útil ao indivíduo com o conhecimento tradicional – no caso concreto da fábula esópica: a lição com a alegoria animal. (Ferreira, p.34)

A juntar, Platão, também faz referência às fábulas de Esopo, mas na qualidade de metodologia pedagógica que instrui, na medida em que estas devem propiciar uma educação baseada em fundamentos ético-morais nas crianças. Quanto a este aspeto,

Platão em diálogos de sua *República*³ explicita muito bem a este respeito, nesta obra, considerada como o maior feito filosófico de todos os tempos (SOUZA, 2007).

Retornando ao ensaio, Cornelli faz uma breve abordagem acerca das fábulas esópicas, em que os animais representam os paradigmas ético-morais, os animais, na qualidade de personagens que se comportam como se fossem seres humanos, em que estes apresentam um traço muito particular, eles falam. No que toca às falas dos personagens, os animais, Cornelli no seu estudo, do ponto de vista reflexivo e analítico trata sobre a linguagem dos animais e o silêncio humano, num tópico específico⁴. Acerca disto, verifica-se que entre o ensaio de Cornelli e Esopo existe uma conexão entre fábulas e filosofia, isto porque diante as máximas platônicas estas tinham de ir ao encontro das normas educativas, ou seja que fossem adequadas à formação acadêmica infantil. Entre os diferentes fabulistas, Esopo em comparação com Homero e Hesíodo era o modelo perfeito que seguia essas normas (Souza, 2007), visto que os outros textos fabulares eram bastante incompreensíveis para o entendimento infantil.

Analisando esta dualidade filoso-fabular deparamo-nos com um facto, Sócrates nos últimos momentos de vida toma a iniciativa de fazer uma confluência entre música, fábulas e imortalidade da alma (separação entre corpo/alma), o que revela a grandiosidade do seu saber filosófico, que foi pouco compreendido entre os homens da sua época. Por outro lado, as fábulas, enquanto mitos contribuem para o despertar da verdade e realidade humana.

CONCLUSÃO

Em jeito de conclusão verificou-se que Sócrates, o “pai da Filosofia”, teórico idealista, defende questões de ordem ético-morais. Sendo considerado mestre da reflexão e do diálogo procurava que as pessoas despertassem nelas a capacidade para a observação e autoanálise. Para este teórico o homem detém dupla *persona*, o lado racional e irracional e isso está presente no próprio comportamento do ser humano, na qual Cornelli justifica que neste caso existe uma conformidade análoga entre o animal e o homem, uma vez que este se comporta como se fosse um verdadeiro animal. Quanto a isto, as fábulas evocam para a conduta animalizada do ser humano, dado que os seus personagens são animais.

Finalizando Sócrates e Platão, filósofos eruditos e incompreendidos no período clássico da Grécia Antiga, categoricamente, já abordavam as fábulas, mais em concreto as fábulas de Esopo nas discussões públicas. Para ambos, as fábulas esópicas estabeleciam uma afinidade intrínseca entre o saber ético-pedagógico.

³ Para melhor conhecer a obra aceder em [Microsoft Word - A REPÚBLICA.rtf \(usfiles.com\)](https://www.usfiles.com/1234567890/Microsoft-Word-A-REPUBBLICA.rtf)

⁴ Ítem 2, 2018, p.483

Com isto, verifica-se que a filosofia e fábulas reúnem-se numa única trajetória, a filosofia-moral, enquanto saber e ensino ideológico da condição humana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CORNELLI, Gabriele, A felicidade perdida: animais que falam e a ontologia da cidade platônica. In: - SEBASTIANI, B. B. et al. [Orgs.] **A poiesis da democracia**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2018. cap. 17, p. 473-488. Disponível em [A felicidade perdida.pdf \(uc.pt\)](#).

FERREIRA, N. H. S. A imagética animal na sabedoria popular. **A fábula esópica e a tradição fabular grega**. Universidade de Coimbra, fev. 2014.

FRANCO, A. H. B. A. The immortality of the soul in Plato. **Research, Society and Development**. V. 10, n.12, set. 2021. Disponível em [The immortality of the soul in Plato | Research, Society and Development \(rsdjournal.org\)](#).

FAGUNDES, L. I. V. **Platão e a imortalidade da alma**. 2015. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura) Centro Universitário Internacional UNINTER. Disponível em [IMPORTÂNCIA DA INCLUSÃO DO ALUNO PORTADOR DE SÍNDROME DE ASPERGER \(uninter.com\)](#).

HORTA, J. L. B. O canto do cisne. **Revista da faculdade de direito da UFMG**. N. 38, p. 183-196. Belo Horizonte. 2000. Disponível em [file:///C:/Users/idali/Downloads/1168-Texto%20do%20Artigo-2205-2-10-20141006.pdf](#).

PACHECO, G. C. Aristóteles. **Princípios: revista de filosofia**. Rio Grande do Norte: Natal, v. 30, n. 61, p. 217-239. maio.-ago. 2023. Disponível em [Vista do v. 30 n. 61 \(2023\): Princípios: Revista de Filosofia \(UFRN\)](#).

PLATÃO. **A república**. Domínio público. [Online]. Disponível em [A República - Platão PDF Grátis | Baixe Livros](#).

PLATÃO. **Fédon de Platão: a imortalidade da alma**. Domínio Público. [Online] Disponível em [Fédon \(a Imortalidade da Alma\) - Platão PDF Grátis | Baixe Livros](#).

SOBRINHO, R. G. N. **Platão e a imortalidade: mito e argumentação no Fédon**. Universidade Federal de Uberlândia. 2007.

SOUZA, L. N. A fábula no caminho da literatura. **Revista da Anpoll**. [Online]. V.1, n.23, p.152-170, jul. 2007. Disponível em [Vista do A fábula no caminho da literatura infantil \(emnuvens.com.br\)](#).

STELLA, J. B. **A origem da fábula**. Revista de história. v. 42, nº 85, pp.175-182.1970.